



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I**

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LAURA SOARES MACEDO DOS SANTOS

**O SENTIDO DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**SALVADOR
2023**

LAURA SOARES MACEDO DOS SANTOS

**O SENTIDO DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia do Departamento de Educação Campus I Salvador, da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Tereza Fonseca Almeida.

**SALVADOR
2023**

LAURA SOARES MACEDO DOS SANTOS

**O SENTIDO DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação, Campus I como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia.

Aprovado em 11 de Julho de 2023.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Márcia Tereza Fonseca Almeida
Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

Profa. Dra. Carla Meira Pires de Carvalho
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia-UFBA
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

Profa. Dra. Antonete Araújo Silva Xavier
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter permitido que eu chegasse até aqui e ter me concedido sabedoria para cursar esta graduação e força para conciliar a rotina de trabalho e estudo.

Aos meus pais, Eunice e Ivandson, que desde criança me ensinaram o valor da Educação e me inspiraram a seguir a docência como um caminho que eles também trilharam.

À minha avó Alice Maria, a quem me espelho ser como Pedagoga e profissional da Educação Infantil.

Aos meus irmãos, Gabriel e Mariana, que me acompanharam ao longo desta jornada e sempre estiveram torcendo por mim.

Aos meus cachorros, Niki Lauda e Joana D'Arc, meus companheiros eternos.

Ao meu namorado e companheiro, Mavial Neto, que sempre esteve comigo em todos os momentos bons e ruins da produção desta escrita.

À minha orientadora e professora, Márcia Tereza, por ter acreditado neste sonho comigo e pela paciência na produção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

As professoras Carla Meira e Antonete Xavier por aceitarem o convite para fazer parte da Banca e avaliarem o meu trabalho.

Às coordenadoras pedagógicas, professoras e toda equipe escolar do Centro de Educação Infantil em que realizei a pesquisa de campo por terem confiado em mim e permitido minha entrada naquele espaço.

Aos colegas de curso que me acompanharam nesta trajetória e vivenciaram comigo todas as experiências e aprendizados ao longo desta licenciatura.

Aos meus amigos próximos, Angelina, Cauê, Gabriela, Gabriel, Juliana, Lara, Kelyane, Mércia, Rafael S., Vitor F., Wagner, e todos aqueles que torceram por mim, me apoiaram e tiveram paciência neste período de conclusão de curso.

Aos meus colegas de trabalho da FB, por sempre acreditarem no meu potencial e me fazerem crescer como pessoa e profissional da Educação.

EPÍGRAFE

A criança
é feita de cem.
a criança tem
cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
as maravilhas de amar.

[...]

A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar

[...]

Dizem-lhe:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.

Dizem-lhe:
que as cem não existem

A criança diz:
ao contrário, as cem existem.

Ao contrário, as cem existem. – MALAGUZZI, Loris.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como propósito analisar em que medida o desenho vem sendo utilizado como recurso para a exploração da criatividade e do desenvolvimento motor das crianças na Educação Infantil. Assim, trago para este estudo o seguinte questionamento: Qual a concepção das (os) professoras (es) sobre a utilização do desenho na Educação Infantil? Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva, e contou com a participação de quatro professoras que atuam na Educação Infantil. O lócus da pesquisa foi um Centro de Educação Infantil localizado no Bairro da Paz na cidade de Salvador. Os instrumentos de coleta e produção de dados utilizados foram um questionário com dez perguntas e observação direta. Para fundamentar o trabalho e suas discussões, me baseei em estudos de Sans (2014), Gandini et al (2019), DIAS (1999) e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), dentre outros documentos. O estudo mostra que o uso do desenho como recurso pedagógico tem grande valor ao ser inserido na prática pedagógica dos (as) professores (as) que estão atuando na Educação Infantil, na medida em que o desenho desempenha um papel essencial no processo do desenvolvimento das crianças, além de proporcionar aos meninos e meninas uma forma de expressarem seus sentimentos e comunicar-se com seus pares (crianças e adultos), podendo manifestar seus pensamentos e emoções através da criatividade, expressa em traços e cores.

PALAVRAS CHAVE: Desenho, Educação Infantil, Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present undergraduate thesis aims to analyze to what extent drawing has been used as a resource for fostering creativity and motor development in children in Early Childhood Education. Thus, I bring forth the following inquiry for this study: What is the conception of teachers regarding the use of drawing in Early Childhood Education? This study is characterized as a qualitative research with a descriptive approach and involved the participation of four teachers working in Early Childhood Education. The research site was a Child Education Center located in the Bairro da Paz neighborhood in the city of Salvador. The data collection and production instruments employed consisted of a questionnaire with ten questions and direct observation. To underpin this work and its discussions, I drew upon studies conducted by Sans (2014), Gandini et al (2019), DIAS (1999), and the National Curriculum Framework for Early Childhood Education (1998), among other relevant documents. The study reveals that the use of drawing as a pedagogical resource holds significant value when integrated into the pedagogical practices of teachers in Early Childhood Education. Drawing plays an essential role in the developmental process of children, providing them with a means to express their feelings and communicate with their peers (children and adults) by manifesting their thoughts and emotions through creativity expressed in strokes and colors.

KEY WORDS: Drawing, Early Childhood Education, Pedagogical Practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROPOSTA METODOLÓGICA	14
2.1 Lócus da pesquisa	15
2.2 Perfil das professoras colaboradoras	16
2.3 Instrumentos de coleta e produção de dados	17
3. A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
3.1 O desenho como mobilizador do desenvolvimento das crianças	23
3.2 Como o desenho se apresenta nos documentos oficiais para a Educação Infantil	26
4. UTILIZAÇÃO DE DESENHOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS PROFESSORAS COLABORADORAS	31
4.1 Análise das respostas do questionário	31
4.2 O que mostraram as observações	37
5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	43
6. REFERÊNCIAS	45
Anexo 1	47
Anexo 2	48

1. INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, e ainda hoje, desenhos feitos por crianças não são muito valorizados por alguns adultos, sendo vistos apenas como cenas aleatórias dispostas em uma folha de papel ou representações de situações abstratas do ponto de vista dos adultos, considerando as características que apenas os definiriam esteticamente, como feios ou bonitos, desconsiderando a riqueza de traços e cores que podem estar presentes em um papel, considerados muitas vezes, como “rabiscos”. Diante disso, dialogar sobre os desenhos na infância possibilita a valorização da linguagem e expressividades que existem no imaginário infantil, na qual a criança busca representar para o adulto a sua visão de mundo, mostrando assim, de que modo interpreta o ambiente em que está inserida.

Por outro lado, quando esta temática é abordada no curso de Pedagogia, espaço este onde podemos encontrar profissionais que irão atuar na Educação Infantil, muito pouco ainda se conhece ou é discutido, pois, no decorrer de nossa formação, não é abordado de maneira profunda a discussão sobre desenhos realizados no período da primeira infância, (que compreende o período que vai desde o nascimento até os seis anos de idade). Sendo assim, é preciso reconhecermos que o desenho é uma forma da criança se comunicar, expressando muitas vezes o que sente e pensa sobre determinadas situações que vivencia no seu cotidiano. Nessa perspectiva, o desenho deve ser utilizado na prática docente como uma estratégia que estimule a criatividade e favoreça o desenvolvimento motor e social das crianças.

O interesse em discutir este tema retrata meu¹ anseio como estudante de Pedagogia que durante o período de estágio - tanto na rede privada (estágio profissional) quanto na rede pública (estágio curricular) - Estágio Supervisionado III- Educação Infantil, pude observar a maneira como educadoras que atuam na Educação Infantil utilizavam o desenho na sala de aula e o modo como tal atividade não era adequadamente aproveitada, revelando assim, a falta de conhecimento de algumas docentes no que diz respeito às possibilidades da utilização do

¹ Em alguns momentos, a monografia está escrita na primeira pessoa do singular "eu" com o intuito de descrever minha implicação com o objeto, bem como minha experiência com o tema investigado e detalhar algumas situações vivenciadas no campo empírico; em outros momentos, o texto está escrito na primeira pessoa do plural, partindo do pressuposto de que o trabalho do pesquisador também é feito em parceria com o orientador, os autores que são convocados para discussão e os outros parceiros com os quais dialogamos durante a trajetória da investigação.

desenho como um recurso que auxilia no desenvolvimento da criatividade, motricidade e afetividade das crianças.

Outro aspecto está relacionado à minha formação enquanto graduanda do curso de Pedagogia, tendo em vista que os temas estudados durante o meu processo formativo não aprofundaram as discussões a respeito da importância do desenho na infância. Em vista disto, para me adentrar no assunto, tive que buscar pesquisas acadêmicas e livros que possuíssem como pauta a importância do ato de desenhar na Educação Infantil e o papel do(a) professor(a) na utilização deste recurso no trabalho com crianças pequenas.

Enquanto estagiária, ao adentrar em duas turmas de Grupo 5, observei que o momento reservado para o ato de desenhar acontecia em duas situações: nos momentos em que as docentes estavam ocupadas dentro da sala, ou precisavam sair rapidamente, deixando as crianças ocupadas com alguma atividade, ou na hora do acolhimento, quando algumas crianças chegavam e as professoras precisavam recebê-las, enquanto outras crianças se ocupavam com material para desenhar (papel, lápis de cores ou giz de cera). Ou seja, nessas duas situações os desenhos eram utilizados para ocupar o tempo ocioso das crianças.

Sendo assim, poucas foram às vezes em que presenciei o desenho sendo utilizado com uma intencionalidade pedagógica nas referidas turmas, de modo que as docentes tivessem como propostas o aprimoramento dos traços, incentivando a liberdade de criação a fim de enriquecer a linguagem artística das crianças. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (1998, p. 87) levanta questões diretamente relacionadas às Práticas Pedagógicas que entendem o campo das Artes Visuais como “meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídas de significados.”, logo, o documento faz uma crítica ao modo como o fazer artístico na Educação Infantil se manifesta por meio de uma prática que deixa de lado a livre expressão e a criatividade da criança, considerando muitas vezes, o desenho, apenas como uma atividade de conotação estética para ilustrar alguma data comemorativa, ou como o próprio documento cita: meros passatempos.

Diante do exposto, trago para esse trabalho o seguinte questionamento: Qual a concepção das professoras sobre a utilização do desenho na Educação Infantil? Para respondê-lo foi necessário definir alguns objetivos, sendo o objetivo geral analisar em que medida o desenho vem sendo utilizado como recurso para a exploração da criatividade e do

desenvolvimento motor das crianças na Educação Infantil. No que se refere aos objetivos específicos, busquei nesse trabalho discutir sobre a importância do desenho na Educação Infantil e refletir sobre as concepções do desenho infantil das professoras colaboradoras da pesquisa.

Para fundamentação teórica desse estudo, recorri a autores como Sans (2014) que discute acerca da importância do desenho para o desenvolvimento na infância e expõe a trajetória dos estudos do desenho como possibilidade de contribuição para a Pedagogia; Gandini et al (2019) que discute o papel do ateliê na Educação Infantil com base na abordagem Reggio Emilia, considerando a escola como um ambiente incentivador da criatividade por meio da aprendizagem, além de colocar em pauta a relação da criança com os materiais artísticos e suas potencialidades ao usá-los como instrumentos comunicativos; O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI - 1998) que discute sobre a presença das artes visuais na Educação Infantil, ressaltando como o fazer artístico da criança está ligado ao seu desenvolvimento criativo, reflexivo, perceptivo e cognitivo; DIAS (1999), que discute acerca da prática pedagógica do (a) professor (a) da Educação Infantil voltada para a arte e o olhar sensível;

A pesquisa qualitativa foi a mais apropriada para o desenvolvimento, desse estudo, tendo em vista que trata-se de uma pesquisa que preza pelo contato direto do pesquisador com o ambiente pesquisado. Tal pesquisa considera mais o processo exploratório do que sua problemática e, também, considera as distintas concepções levantadas pelos sujeitos da pesquisa.

Sendo assim, a abordagem utilizada pode ser reconhecida como descritiva que, segundo GIL (2002), tem como característica principal a utilização de questionários e observações sistemáticas como instrumento empírico para a coleta de dados no período da fase exploratória. NUNES et al (2016, p. 146), ressaltam que “na pesquisa descritiva realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador.”.

As colaboradoras desta pesquisa foram quatro docentes que atuam nos Grupos 2, 3, 4 e 5 em um Centro de Educação Infantil Comunitário Filantrópico na cidade de Salvador. Os instrumentos utilizados para a produção e coleta de dados foram um questionário (em anexo)

com 10 perguntas que buscavam identificar a maneira como as docentes utilizavam o desenho na sua rotina com as crianças e a observação direta das referidas turmas.

O trabalho está dividido em cinco seções. Na introdução, contextualizo o tema e a problemática que envolve esta monografia, exponho minhas indagações e afinidades no que dizem respeito ao tema abordado, os objetivos, o referencial teórico que embasa as discussões e a metodologia de pesquisa. Já na segunda seção, explico o tipo de pesquisa escolhido, faço uma descrição do percurso metodológico, apresentando a escola onde a pesquisa foi realizada; o perfil das professoras colaboradoras; descrevo os instrumentos utilizados para coleta e produção dos dados, bem como o referencial teórico utilizado.

Na terceira seção faço uma discussão sobre o desenho na infância, ressaltando sua importância na Educação Infantil, analisando o desenho como um recurso pedagógico que pode ser utilizado como forma de estimular a expressão e a criatividade das crianças. Nesta sessão faço uma discussão sobre a relação do desenho com o desenvolvimento infantil, servindo como um impulsionador no amadurecimento motor das crianças e faço uma análise acerca da maneira como o desenho é apresentado em alguns documentos produzidos pelo MEC que estão direcionados para a Educação Infantil.

A quarta seção apresenta os resultados e reflexões produzidas a partir da análise do questionário e observações que foram feitas com as docentes de um Centro de Educação Infantil Comunitário Filantrópico onde a pesquisa foi realizada. Por fim, na quinta e última seção apresento minhas considerações sobre a produção deste trabalho e os questionamentos que ainda permeiam os estudos quanto a utilização do desenho na prática docente da Educação Infantil.

2. PROPOSTA METODOLÓGICA

Para discorrer a respeito do percurso metodológico traçado para a elaboração e desenvolvimento desta monografia, foi fundamental refletir acerca do papel da pesquisa como um atributo indispensável na atuação de todo educador, tendo em vista que o ato de pesquisar é crucial no processo de formação e atuação docente. A pesquisa dentro do âmbito educativo precisa ser entendida não como uma atividade externa a prática docente, mas como uma ação que pode ser realizada por todo(a) professor(a). A respeito disso FREIRE (1996) aponta que,

[...] o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p. 32)

Para Freire (1996), não há uma dicotomia entre professor e pesquisador, entendendo o ato de pesquisar como uma ação inerente ao professor e a professora. Ou seja, os conhecimentos transmitidos aos alunos precisam ser ressignificados por meio de pesquisas. O conhecimento não é estático e o que o(a) docente aprendeu em sua formação inicial não é suficiente para a prática cotidiana, por isso é preciso pesquisar e adquirir novos conhecimentos que sejam adequados para atender as demandas dos(as) estudantes considerando suas especificidades.

Para os autores Bogdan e Bikle (1982 apud Ludke e André, 1986), uma pesquisa é qualitativa quando segue cinco critérios em seu processo de investigação, que são: o contato direto do pesquisador com o ambiente e a problemática investigada; grande parte dos dados coletados apresentem um teor descritivo; o processo da pesquisa tenha mais valor do que a problemática em si; os diferentes pontos levantados pelos participantes da pesquisa sejam levados em consideração no momento da análise a fim de possibilitar uma melhor compreensão acerca do assunto e a análise dos dados obtidos caminha-se em um processo indutivo na qual os resultados são examinados de baixo para cima, quer dizer, no início da pesquisa o seu foco é de interesse amplo, no entanto, com o desenvolvimento dos estudos e das análises dos dados, eles vão se tornando mais diretos e específicos. Logo, foram com base nestes critérios que pude aprofundar a estrutura metodológica desta monografia, a fim de orientar não só na produção desta escrita, como também em minha fase exploratória por meio dos instrumentos utilizados para seu embasamento teórico.

Nessa perspectiva, a abordagem descritiva foi a que melhor correspondeu aos meus anseios nas minhas hesitações acadêmicas antes de adentrar o campo empírico, considerando que sua principal característica está em descrever os fenômenos observados e fazer o uso de questionários como instrumento de pesquisa, como afirma Gil (2002)

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (GIL, 2002, p.42)

A abordagem descritiva no âmbito educacional coloca o pesquisador em um papel de observador dentro do ambiente em que a problemática está situada, levando-o por meio da observação, análise e descrição a conhecer o cotidiano daquele espaço, a maneira que os docentes se relacionam com os discentes e o modo como ocorre sua prática pedagógica sem que o pesquisador possa realizar alguma interferência. Para Nunes et al (2016, p.146), o valor da abordagem descritiva “[...] baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e da descrição.”. E é justamente isso que acontece, já que, quando o pesquisador usa esse tipo de pesquisa, tem condições de fazer suas análises de acordo com suas observações.

Ainda nessa perspectiva, trago uma reflexão de Freire (1996, p.32) ao afirmar que “pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” E é nesse entendimento que esse estudo se constitui também como um momento formativo devido a preocupação em analisar o processo estudado, considerando a perspectiva de quem está fazendo parte da pesquisa.

2.1- Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada no período de 14 a 27 de abril do ano de 2023 em um Centro de Educação Infantil (C.E.I.) que conta com 116 crianças matriculadas, distribuídas em quatro turmas: uma turma do Grupo 2 (formada por crianças de dois a três anos); uma turma de Grupo 3 (formada por crianças de três a quatro anos; uma turma de Grupo 4 (formada por crianças de quatro a cinco anos) e uma turma de Grupo 5 (formada por crianças de cinco a seis anos de idade), e fica localizado no Bairro da Paz na cidade de Salvador. Trata-se de uma instituição filantrópica de médio porte que conta com uma estrutura física de boa

qualidade para o acolhimento das crianças matriculadas, tendo em vista que, as quatro salas que pude estar presente realizando as observações desfrutavam de uma organização espacial e distribuição de mobiliários que atendiam as necessidades das crianças (desde o tamanho dos móveis até a qualidade do material utilizado para a sua confecção. Além disso, de acordo com uma das Professoras, a concepção pedagógica da instituição está baseada no Construtivismo, que concebe a criança como sujeito ativo na construção do seu saber. A instituição também considera a valorização da cultura brasileira e regional em sua proposta pedagógica.

2.2 Perfil das professoras colaboradoras

A pesquisa contou com a colaboração de quatro professoras, que serão nomeadas como P1, P2, P3 e P4 para que seja preservada a verdadeira identidade de cada uma. A Professora P1 está entre a faixa etária dos 30 a 35 anos de idade, possui formação em Pedagogia e atua em classe de Educação Infantil há onze anos, sendo dois anos de tempo de serviço. A Professora P2 também se encontra na faixa etária entre 30 e 35 anos, tem formação em Pedagogia, atua como docente há oito anos, sendo sete em classe de Educação Infantil. A Professora P3 está na faixa etária entre 25 e 30 anos, possui formação em Licenciatura em Pedagogia, e seu tempo de atuação em classe de Educação Infantil é de sete anos, mas seu tempo de serviço é de cinco anos. Já a Professora P4 está na faixa etária acima dos 45 anos de idade e também é formada em Pedagogia, mas não informou o seu tempo de serviço e nem o seu tempo de atuação em classe de Educação Infantil.

As respostas acima revelam inconsistências quando comparamos o tempo de serviço com o tempo de atuação na Educação Infantil informado pelas professoras P1 e P3, pois, ao serem indagadas acerca de seu tempo de serviço, a P1 informou exercer a docência há dois anos e a P3 há cinco anos. No entanto, ao serem questionadas quanto ao tempo de atuação de cada uma em classes de Educação Infantil, a P1 afirmou possuir onze anos de experiência, e a P3 sete anos de atuação. Dessa forma, estas aparentes divergências podem ser atribuídas a um possível mal-entendido por parte das professoras, que podem ter confundido a experiência na docência em Educação Infantil com o tempo de serviço na instituição que elas trabalham no momento, ao invés de falarem sobre as suas experiências na área de educação como um todo. Logo, é importante considerar que as professoras podem ter compreendido erroneamente a natureza das perguntas, resultando em respostas aparentemente contraditórias.

2.3 Instrumentos de coleta e produção de dados

Para analisar as concepções das professoras colaboradoras da pesquisa em relação ao uso do desenho na Educação Infantil, utilizei um questionário (em Anexo) e observei a rotina das referidas professoras com o intuito de acompanhar de perto a postura das mesmas frente aos desenhos produzidos pelas crianças. O trabalho em conjunto com estes dois instrumentos de coleta (o questionário e a observação) foi essencial para o processo da pesquisa e suas discussões que surgiram ao longo da produção do trabalho, com relação ao questionário, Lima (2008, p.71) afirma que tal instrumento “corresponde a uma técnica de coleta de dados utilizada em pesquisas de campo que envolve a observação direta da realidade (diferentemente da pesquisa bibliográfica e documental) de forma extensiva, [...]”, dessa forma, é perceptível a importância destes instrumentos estarem atrelados um ao outro para que ambos sejam usados da maneira mais coerente perante a situação investigada.

Sendo assim, de acordo com Gil (2008, p. 121) a utilização do questionário para a realização de pesquisas em campo pode ser definido “[...] como o a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”. Logo, como aponta Gil (2008), o questionário tem como perspectiva servir como um instrumento empírico que auxilie o pesquisador em sua jornada investigadora e forneça-o relatos que poderão conduzi-lo a um entendimento acerca da temática que está sendo estudada.

Desse modo, Lima (2008), ainda destaca o questionário como um instrumento de coleta de dados que possui suas qualidades e limitações e o pesquisador deve sempre refletir acerca de seus prós e contras. Sendo seus prós :

- a) Possibilidade de contar com dados atualizados sobre o tema/problema investigado;
- b) Dispor de expressivo volume de dados em um período de tempo relativamente curto;
- c) Possibilidade de alcançar amplo espaço geográfico e vasto número de pessoas, simultaneamente;
- d) Independência da existência de uma equipe adequadamente treinada para aplicar o questionário;
- e) Dependendo da estrutura das questões formuladas, a aplicação de questionários pode resultar em materiais qualitativos e quantitativos;
- f) Estimular a cooperação do respondente na medida em que respeita o anonimato daqueles que respondem o instrumento;
- g) Resultar em um material mais aprofundado, considerando o tempo que o contato dispõe para responder e a liberdade que o instrumento oferece;
- h) Minimizar distorções das respostas registradas na medida em que o pesquisador estará ausente e não exercerá influências diretas sobre o respondente;

- i) Custo operacional relativamente baixo, pois se restringe a despesas relativas às cópias do instrumento, ao envio e à respectiva devolução.
(LIMA, 2008, p.75)

E em relação as limitações do uso do questionário, o referido autor destaca que o pesquisador precisa levar em conta os seguintes aspectos:

- a) Baixo índice de retorno do material devidamente preenchido;
- b) Recebimento tardio (após a redação do relatório final de pesquisa) do material preenchido;
- c) Número significativo de respostas incompletas ou respondidas de forma errada, ou, ainda, em branco (destaca-se, particularmente, as questões abertas que exigem mais tempo do respondente, competência técnica e conceptual, raciocínio lógico e elevada capacidade de expressão escrita);
- d) Considerando a ausência do pesquisador no momento do preenchimento do questionário torna-se impossível esclarecer eventuais dúvidas quanto à formulação de algumas questões, prejudicando o resultado esperado;
- e) O universo de respondentes é reduzido, pois pressupõe a existência de um nível de escolaridade compatível com o teor do questionamento proposto (estima-se que, quanto mais elevado o nível de formação do respondente, mais expressiva será sua colaboração);
- f) Relativo comprometimento da fidelidade das respostas registradas pelo contato, inicialmente em razão de níveis variáveis de indução que a formulação das questões sugere e, posteriormente, diante da pouca possibilidade de o pesquisador ter condições de controlar e verificar a veracidade das respostas registradas e das circunstâncias em que foram escritas.
(LIMA, 2008, p.75)

Assim, ao entrar em cada uma das salas e me apresentar para a professora e a turma, dava uma explicação detalhada às docentes colaboradoras acerca do propósito da pesquisa e entregava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (em Anexo) a fim de que as mesmas assinassem o documento e respondessem o questionário. Expliquei a cada docente que eu daria um tempo para que elas respondessem o questionário com calma e que no dia da última visita, 27 de abril de 2023, eu iria buscar os TCLE e os questionários respondidos.

No que diz respeito ao processo de observação, fica notório que por mais que o pesquisador precise manter sua imparcialidade no espaço em que irá observar, quando este vai para ambientes em que haja um grupo de pessoas, como as escolas, é difícil adotar uma postura única e exclusiva de um observador que não irá ter qualquer relação com aquele espaço e as pessoas que estão presentes nele. Dessa forma, em alguns momentos para mim foi muito difícil manter uma postura de “imparcialidade” em relação ao período em que fui à campo, pois, ainda que o momento de observação tenha sido curto, este foi de grande importância para interagir com as crianças e conhecer a rotina da Creche lócus da pesquisa, bem como me familiarizar e compreender a maneira como toda equipe escolar trabalha em conjunto para assegurar uma educação de qualidade para as crianças, preservando uma infância que procura explorar e valorizar as suas diferentes linguagens.

3. A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Se questionarmos algumas pessoas sobre a primeira coisa que lhes vêm à mente quando olham um desenho feito por uma criança, o que você acha que elas diriam? E o que você pensa sobre os desenhos feitos por crianças? Se a resposta for “uma folha de papel toda rabiscada”, posso dizer que acertei? No que diz respeito ao desenho feito por crianças pequenas, principalmente em turmas de Educação Infantil, muitas pessoas acreditam que estão diante de uma produção feita para preencher um horário ocioso dentro da rotina da sala ou apenas para trazer à criança um momento de lazer e brincadeira. Mas, será que levar a criança a desenhar é apenas isso? O que se observa quando uma criança está desenhando em sala de aula? Ela está concentrada? Está alegre? Quais recursos materiais utiliza para desenhar? Desenha de forma lenta ou desenha rapidamente? A ação do desenhar na Educação Infantil é imprescindível, contudo, esta também precisa estar contextualizada dentro das ações pedagógicas trabalhadas em sala com as crianças.

Podemos perceber que ainda hoje desenhos feitos por crianças, não são apreciados com a tamanha importância que deveriam por parte de alguns adultos que fazem parte do seu convívio, sejam pais ou professores(as). Na maioria das vezes os desenhos infantis são deixados de lado e /ou são comparados a outros desenhos considerados “mais elaborados” esteticamente. Muitas pessoas já escutaram na infância, ou conhecem alguém próximo, que, ao desenhar, ouviu frases parecidas com: “desenha direito”, “melhore esse desenho” ou “desenhe com vontade”. Refletir acerca do desenho na infância é muito mais do que olhar para ele através de concepções estéticas, é compreender também o desenho como uma linguagem que a criança utiliza para expressar o mundo que a rodeia. Lowenfeld e Brittain (1977) apontam que,

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p.13).

Portanto, assim como todo indivíduo, a criança também precisa se expressar e, geralmente, essa necessidade na primeira infância vem por meio do ato de desenhar, na qual ela pode transferir para uma superfície as diferentes maneiras em que enxerga tudo e todos que a cercam. De acordo com SANS (2014),

A criança, desde a primeira infância, procura se comunicar de algum modo, no início, por meio do choro e dos gestos e, aos poucos, desenvolve seu próprio código de comunicação. Entretanto, existe uma forma de expressão constante em todas as crianças, o ato de desenhar. (SANS, 2014, p. 22).

Sendo assim precisamos compreender que o desenho feito por uma criança está carregado de significados que podem ir além do entendimento de uma pessoa adulta, pois o mesmo é composto por uma linguagem não-verbal, na qual é manifestada por crianças há séculos. O ato de desenhar é inerente à criança, já que está ligado às condições de sua comunicação. Por meio de um desenho, a criança pode expressar seus sentimentos e demonstrar seu desenvolvimento cognitivo, bem como a sua compreensão sobre alguns temas que lhes são apresentados através de atividades “pontuais” em sala de aula. SANS (2014) ressalta que, embora as pesquisas acerca da produção de desenhos feitos durante o período da primeira infância sejam recentes, há características atemporais na estrutura do ato de desenhar da criança que permanecem até os dias de hoje. O desenho infantil é uma linguagem milenar comum entre as crianças.

O desenho infantil tem a tendência de uma configuração que dirige as atividades do organismo a um nível fisiológico e psicológico tão básico, que o país ou período histórico pouco modificam a expressão da criança. A criança que vive em um país diferente de outra nota peculiaridades de seu cotidiano, tradição e costume, percebe detalhes diversificados. Mesmo assim, os desenhos contêm similaridades que nos mostram uma visão análoga de expressão entre elas. (SANS, 2014, p. 42)

É interessante o que Sans (2014) afirma sobre a diferença entre as realidades de duas crianças que vivem em lugares e espaços diferentes. Tendo em vista que, apesar de terem a mesma faixa etária, o contexto social de cada uma influenciará no seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Não existem regras de como uma criança deve desenhar ou se comportar diante de uma folha de papel. Sans (2014), a maneira como um desenho infantil se apresenta em uma superfície está atrelado diretamente às questões físicas e psicológicas de toda criança que está passando pelo amadurecimento de seu desenvolvimento na infância, como seu amadurecimento motor.

Diante disso, a Educação Infantil é um período de grande importância para que todo o educador possa compreender todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança e como isso irá se vincular às ações dela quanto às atividades educativas realizadas dentro e fora da sala de aula. Segundo Craidy e Kaercher (2012), é necessário que o profissional de Educação Infantil entenda que a criança possui sua própria lógica, tendo em vista que ela encontra formas peculiares e originais de expressar-se por meio do brincar, do sonho e da fantasia um mundo que é apenas dela e precisa ser também respeitado. Em relação à isto, Lowenfeld e Brittain (1977) enfatizam que:

O próprio ato de criar pode fornecer-lhe novos vislumbres, novas perspectivas e nova compreensão para a ação futura. Provavelmente, o melhor preparo para criar seja o próprio ato de criação. Esperar que possa ser obtida uma boa preparação de fatos para então agir, ou impedir que a criança crie, enquanto não sabe o essencial sobre o assunto, para atuar inteligentemente, pode ser um modo de inibir mais do que estimular a sua ação. (LOWENFELD; BRITTAIN, 1977,p.16).

É perceptível que ao longo do avanço das séries escolares, o criar vai sendo diminuído dentro do currículo escolar, um exemplo claro disso é o ensino de Artes no Ensino Fundamental e Ensino Médio que é dado no mínimo uma vez na semana. Então cabe a Educação Infantil buscar manter uma proposta de trabalho com base na criatividade. Conforme SANS (2014), todo indivíduo nasce com uma capacidade criadora que precisa ser estimulada para ser potencializada, é por essa razão que

A criatividade deve ser incluída no ensino para que o educando, no desenrolar de sua vida, saiba encontrar novas opções e soluções em todas as situações, cotidianas ou não, inclusive profissionais, conquistando e dominando espaços para um melhor viver. Criando, o homem evolui. [...] A educação sem criatividade não acontece de modo íntegro, porque o pensamento criador contribui, de forma fundamental, para a assimilação de informações e habilidades educacionais. (SANS, 2014, p. 18-19)

Portanto, o trabalho com as Artes Visuais na Educação Infantil deve possibilitar que a criança desenvolva expressões artísticas que revelam seus sentimentos em relação ao seu modo de estar no mundo, aumentando sua percepção no que diz respeito às singularidades de cada linguagem artística. Em relação ao ato de desenhar, em sala de aula, o docente precisa saber que a criança tem o seu estilo próprio e que seus desenhos devem ser considerados como produções que revelam seus sentimentos e suas percepções naquele momento. A partir dessa prática artística, a criança se apropria dessa linguagem com naturalidade e por meio de seu desenvolvimento motor e cognitivo vai transformando seus rabiscos aleatórios em formas que ganham sentidos e significados para ela.

É por meio do ato de criar que a criança consegue se comunicar com o mundo e com a sua realidade. Para Vigotski (2018), a imaginação é construída de elementos da realidade, logo, uma infância rica de imaginação é aquela que também é rica de experiências vivenciadas pelas crianças. Ainda nessa perspectiva, Vigotski (2018, p. 25) acrescenta que “quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; maior é a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência; sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativas e produtiva será a atividade de sua imaginação.”

Por esta razão que é importante uma educação que possibilite as crianças aprendizados com base em vivências e experiências. Sobre isso, o autor Vigotski (2018), em seu livro “Imaginação e criação na infância”, discorre acerca do desenvolvimento da criança em conjunto as suas etapas do grafismo, abordando que a etapa da Representação Humana é a fase em que os desenhos podem ser feitos a partir da memória da criança, ele ainda faz relação a desenhos coletados por ele, de crianças que estão entre os seus 4 e 7 anos de idade e afirma que,

Um marco essencial dessa idade é que a criança desenha de memória e não de observação. Um psicólogo que pediu a uma criança que desenhasse a mãe, sentada a seu lado, pôde observar que ela desenhou a mãe sem ter olhado nem uma vez sequer para ela. No entanto, não apenas as observações diretas, mas as análises do desenho, demonstram com muita facilidade que a criança desenha de memória. Ela desenha o que sabe sobre a coisa; o que lhe parece mais essencial na coisa, e não o que vê ou o que imagina sobre a coisa. (VIGOTSKI, 2018, p. 107)

A criança, a partir dos seus 3 anos de idade já começa a manifestar em seus desenhos o que está preservado em sua memória, sejam estas boas ou ruins. Nesse sentido, fazer uso do desenho na Educação Infantil é fundamental não apenas para ter um entendimento do que as crianças expõem em uma folha de papel e a maneira como elas expõem, mas também para captar o que elas mantêm guardados e conseguem expressar através do desenho.

A abordagem Reggio Emilia é um grande exemplo quando se trata de desenho na Educação Infantil, idealizada pelo Pedagogo Italiano Loris Malaguzzi e desenvolvida a partir de sua participação na reconstrução de escolas para crianças na cidade de Reggio Emilia no fim da Segunda Guerra Mundial. Malaguzzi defendia uma vertente educacional que entendesse a criança e as suas cem linguagens, uma abordagem que, como afirma Edwards et al (2016),

[...] incentiva o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de um foco sistemático sobre a representação simbólica. As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas “linguagens” naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música. (EDWARDS et al, 2016, p.23)

É notável como a Abordagem Reggio Emilia tem como propósito não apenas desenvolver uma educação para crianças, mas uma educação em conjunto com as crianças, na qual elas possam ser também protagonistas. Malaguzzi (2016) acreditava que uma das maneiras para compreender as várias linguagens das crianças, era por meio das linguagens gráficas, pois os desenhos produzidos pelas crianças são enxergados como possíveis auxílios

importantes para o seu conhecimento e exploração acerca de um tema trabalhado em sala de aula pelo docente. De acordo com KATZ (2016),

[...] as crianças de Reggio Emilia abordam a tarefa de desejar o que quer que estejam estudando com disposição e assiduidade, pois estão acostumadas a usar seus próprios desenhos de campo para trabalhos adicionais, tais como a confecção de murais em grupo, esculturas, pinturas e assim por diante. [...] em Reggio Emilia, elas são como recursos para uma exploração adicional e para um maior aprofundamento do conhecimento sobre o tópico. (KATZ, 2016, p. 44).

Portanto, o desenho pode ser utilizado como uma estratégia para aprofundar conteúdos trabalhados e propostos pelo docente, colaborando para que a criança realize uma aprendizagem de forma significativa, na qual pode costurar o que ela compreendeu em relação ao que foi apresentado pela professora em uma única imagem, de maneira criativa utilizando diversos materiais. Segundo o autor Schwall (2019), os materiais, quando utilizados pelas crianças, são dotados de sentido e significados para representar, retratar e contar histórias, devendo, então, os educadores da primeira infância incentivarem o uso de diversos materiais para que as crianças criem suas próprias estratégias no desenvolvimento de atividades artísticas.

Um material transforma-se em linguagem quando, por meio do relacionamento de uma criança com as capacidades únicas desse material, cria-se e comunica-se sentido. Nesse processo, o papel do professor é constituído em camadas e é multifacetado. Estruturas de aprendizagem podem ser concebidas para envolver o uso de materiais pelas crianças, promover descobrimentos abertos e, ao longo do tempo, desenvolver a compreensão do potencial expressivo e comunicativo dos materiais. (SCHWALL, 2019, p.52)

A diversificação de materiais não se restringe aos lápis de cores, tintas ou pincéis. Para a Abordagem Reggio Emilia pode ser utilizado todo e qualquer material em que o professor conceda a criança o poder de utilizar e estimular não só a sua criatividade, mas manifestar todas as suas diferentes linguagens. Nesse sentido, a Educação Infantil precisa inserir materiais que fazem parte da rotina da criança dentro e fora da sua sala, para que assim, ela tenha como se comunicar e expressar-se de maneira espontânea sem medo, através de uma folha de papel e um lápis na mão, pois, assim como aponta Lowenfeld e Brittain (1977, p.19) “na educação artística, o produto final está subordinado ao método criador. O importante é o processo da criança – o seu pensamento, os seus sentimentos, as suas percepções [...]”.

3.1 O desenho como mobilizador do desenvolvimento das crianças

Desde o primeiro “rabisco” que uma criança faz em uma superfície, a maneira em que ela segura um lápis e um pincel, até mesmo o modo como ela utiliza e manipula uma tinta

pode nos dar pistas a respeito de seu desenvolvimento. Dessa forma, ao longo dos estudos realizados para este trabalho, compreendi que o desenho e o desenvolvimento infantil podem ser tratados tanto de modo particular e distinto, quanto de maneira conjunta, tendo em vista que uma paisagem retratada por meio de alguns lápis e uma folha de papel podem expor especificidades que estão ligadas ao desenvolvimento motor de uma criança que está na primeira infância.

No que diz respeito ao traçado, sabemos que uma criança de 1 ano e 6 meses não desenha da mesma forma que uma criança de 4 anos, seus traços são diferentes, igualmente acontece com a maneira em que ambas seguram um lápis; outra questão é a “nitidez” de uma mesma paisagem que ambas desenhariam na qual seria perceptível sua dissemelhança e isso está diretamente ligado as Etapas do Grafismo Infantil. De acordo com o autor SANS (2014), estas Etapas se caracterizam em quatro períodos: a Fase Inicial; a Figura Humana; a Figuração Esquemática e a Figuração Realista. Contudo, nesta subseção me deterei apenas as três primeiras por estarem atribuídas a fase que vai de 2 anos e meio até os seis anos de idade, na qual se encaixa no período da primeira infância, pois Figuração Realista se dá a partir dos 10 anos de idade.

A Fase Inicial é abordada pelo autor supracitado como um estágio que ocorre quando a criança está na fase entre um a dois anos de idade, em que seus primeiros desenhos no papel são nomeados como Garatuja, que são, nada mais que os famosos “Rabiscos” como é conhecido e nomeado por grande parte dos adultos, descritas como desenhos feitos por linhas simples e curtas, na qual vão progredindo em curvas fechadas horizontais, espirais e círculos múltiplos. Esta é uma fase em que a criança não possui uma coordenação motora bem desenvolvida. Esse tipo de desenho começa a modificar a partir dos três anos de idade aproximadamente. No que se refere à esta questão, CROTTI e MAGNI (2011) ressaltam que,

Os aspectos sensoriais e motores têm uma grande importância na atividade gráfica da criança. O sensorial põe à disposição da criança um sistema muito sofisticado, uma vez que, por meio dos órgãos dos sentidos, percebe a infinidade de mensagens que lhe envia o mundo exterior. E o elemento motor é o que lhe permite atuar sobre esse mundo exterior. Pela garatuja a criança afina sua percepção da realidade. Uma vez que começa a manipular os objetos, isto é, a partir dos três meses e meio, o bebê vive uma sucessão de experiências que revestem de grande importância sua vida intelectual, afetiva e emocional. (CROTTI; MAGNI, 2011, p.19).

Portanto, com base nos argumentos de Crotti e Magni (2011), compreende-se que a motricidade é um elemento fundamental para que as outras etapas do grafismo infantil possam se concretizar de maneira proveitosa e benéfica para o desenvolvimento da criança, e é por

meio do aprimoramento de suas habilidades motoras que é possível notar seu crescimento. Contudo, por mais que a Fase Inicial do Grafismo seja um momento de descoberta na primeira infância, é também uma fase para a criança desenvolver confiança para passar para as fases seguintes, e essa confiança está atrelada às pessoas que estão com ela cotidianamente, é importante que elas sejam compreendidas e incentivadas por seus responsáveis e professores.

A segunda fase do Grafismo Infantil é a Figura Humana, a qual de acordo com Sans (2014) se inicia a partir dos três anos de idade, quando os tracejados circulares se modificam aos poucos e vão formando a representação da figura humana. Entretanto, Sans(2004), salienta que a face humana é a primeira a surgir e, em seguida, alguns membros do corpo como os braços e as pernas. Para Crotti e Magni (2011), essa fase é o período em que a criança passa da garatuja para o desenho, suas representações em uma superfície passam a ser mais complexas, como a figura humana que é apontada por eles como o *homem cabeça*, que seria a maneira da criança simbolizar a estrutura adulta.

Ainda na perspectiva de Sans (2014), a respeito da Fase da Figura Humana, o autor ressalta que esta se estabiliza por volta dos cinco anos, quando no desenho em que é simbolizada uma pessoa já começa a aparecer os dedos dos pés e das mãos, boca, orelhas e outros detalhes na imagem que refletem o seu mundo exterior. Mas nesta fase, o que mais chama a atenção é a aparição de riscos que fazem menção a escrita nos desenhos, evidenciando a influência que o desenho possui também na escrita, mesmo que seja indiretamente. Em relação à isso, Crotti e Magni (2011, p.22) ressaltam que “é neste período que a criança torna-se capaz de associar a expressão gráfica com a oral, quer dizer, de relacionar o desenho com descrições pronunciadas em voz alta.”.

A terceira etapa- Figuração Esquemática, corresponde a fase em que a criança começa a compreender e assimilar a relação entre o que ela expressa em seus desenhos e a realidade do mundo em que à cerca, este é um processo que se inicia a partir dos seis anos. Desse modo, para SANS (2014) o termo “Esquemática” se atribui por ser nessa fase em que

[...] prevalece o esquema de um tipo genérico de casas, árvores, pessoas que se repete de modo constante, mas a criança procura se renovar e se superar. O esquema reflete a estrutura física e mental da criança que cria e o corresponde à sua personalidade, sendo impossível encontrar duas crianças que apresentem traçados iguais, pois todos nós somos diferentes exterior e interiormente e, conseqüentemente, expressamo-nos de forma diversificada. (SANS, 2014, p.53)

Logo, entende-se que esta é uma fase em que o Real e o Imaginário se misturam pois são nítidos nos traços dos desenhos das crianças, que elas expressam e comunicam os seus sentimentos e vivências do seu cotidiano. Além disso, outro aspecto considerado pelo autor são as cores dos elementos enquadrados nas paisagens produzidas, em que começam a serem escolhidas conforme são retratadas no real.

Dessa forma, conforme o que foi abordado ao longo desta subseção, percebe-se que o ato de desenhar na primeira infância colabora, para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social da criança, pois é através do desenho que a criança inconscientemente começa a expressar seus sentimentos e habilidades. É no ato de desenhar que a criança dialoga por meio de imagens e cores, utilizando uma linguagem não verbal como afirmam Crotti e Magni (2011, p.18) “somente estabelecendo uma relação com a linguagem não verbal da criança poderemos descobrir realmente seus ritmos biológicos e suas necessidades e seremos capazes de ajudá-los a crescer em harmonia, respeitando seu entorno natural.”.

3.2 O desenho nos documentos oficiais para a Educação Infantil

Apesar do amplo reconhecimento acerca da importância do ato de desenhar na primeira infância, é fundamental sabermos de que forma o desenho é abordado nos documentos oficiais destinados à Educação Infantil. Portanto, nesta subseção, apresentarei as concepções sobre o desenho presentes no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

O Volume 3 do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), intitulado “Conhecimento de mundo”, é um documento que discorre em seu terceiro capítulo, intitulado “Artes Visuais” sobre a maneira como as Artes fazem parte da cultura e vivência da criança na infância, ao mencionar que

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. Tal como a música, as Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (RCNEI, 1998, p. 85)

Nesse sentido, o desenho se apresenta neste documento como um componente que faz parte das múltiplas linguagens da criança, que, expressa o seu conhecimento de mundo por meio do desenho, possibilitando que a sua sensibilidade flua naturalmente através dos seus registros sobre o papel. O RCNEI (1998) traz à tona uma discussão que reflete sobre a forma como a produção teórica e a prática pedagógica acerca das Artes Visuais no âmbito da Educação Infantil entraram em discordância com o tempo, em razão da falta de uma prática pedagógica que promovesse a livre expressão e a criatividade da criança, sendo considerada apenas como uma atividade de conotação estética a fim de ilustrar, por exemplo, alguma data comemorativa.

Sendo assim, o referido documento ressalta que as Artes Visuais precisam ser entendidas como uma linguagem que possui estrutura e características próprias que trabalham de forma conjunta para que ocorra uma aprendizagem prática e reflexiva, são eles: o Fazer Artístico, a Apreciação e a Reflexão. Em relação a isso, o RCNEI (1998) apresenta aos docentes da Educação Infantil o tópico “A criança e as Artes Visuais” que traz discussões sobre a importância do desenho para a primeira infância e as etapas do grafismo infantil para que eles possam conhecer melhor sobre o assunto, além disso, o tópico dispõe de orientações didáticas para auxiliar professores em sua prática pedagógica.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2010), a criança é um “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.” (DCNEI, 2010, p.12). Portanto, em uma atividade que leve as crianças a desenharem é preciso que o(a) professor(a) faça um planejamento para que essa atividade não seja aleatória ou sem sentido para as crianças, mas, que tenha o objetivo de estimular o seu processo criativo de modo que os meninos e meninas possam reproduzir através de seus desenhos a realidade vivenciada por eles(as).

As discussões sobre o desenho infantil aparecem indiretamente nas DCNEI (2010), ao tratar sobre os princípios estéticos das propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, que devem considerar em seus planejamentos o respeito à sensibilidade, criatividade, ludicidade e a liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais da criança. Logo, as DCNEI não discorrem sobre o Desenho e sua importância na primeira

infância, mas apresenta as Artes Visuais como um eixo que possibilita a exploração das manifestações artísticas na primeira infância.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 36) ressalta que as instituições de Educação Infantil “[...] têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar [...]”, é preciso que a escola auxilie através de uma prática pedagógica que promova o amadurecimento criativo da criança. Diante disso, a BNCC (2018) assegura à primeira infância o explorar e conviver com múltiplas linguagens artísticas e isso consta em seu campo de experiência Traços, Sons, Cores e Formas na qual manifesta que a criança deve:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, [...], vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.),[...]. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (BNCC, 2018, p.41)

Dessa forma, a BNCC (2018) não versa diretamente a respeito do desenho na Educação Infantil, mas ele é abarcado no campo de experiência que foi retratado acima. Contudo, dentro dos Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para a Educação Infantil da BNCC, o desenho é abordado exclusivamente na categoria “Crianças pequenas – 4 anos a 5 anos e 11 meses” (correspondente ao Grupo 5), e é contemplado nesta sessão nos campos experiência “Traços, Sons, Cores e Formas”, “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação” e “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações”. O primeiro campo de experiência se refere ao desenho na habilidade EI03TS02-“Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais” (BRASIL, 2018, p.48).

Quanto ao segundo campo de experiência, o desenho é levantado na habilidade EI03EF01 como o “Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.” (BRASIL, 2018, p.49). E no terceiro e último campo, o desenho é apresentado na habilidade EI03ET04 que corresponde ao “Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.” (BRASIL, 2018, p.51).

Sendo assim, de acordo com a BNCC para a Educação Infantil (2018), é possível notar que o desenho só é referenciado como um recurso pedagógico para ser utilizado a partir do Grupo 5, deixando de lado os outros que fazem parte da Educação Infantil, como G2, G3 e G4. Contudo, Sans (2014, p.43) afirma que “o nível de desenvolvimento intelectual em que a criança se encontra é expresso em seus desenhos, mostrando o seu estágio emocional e perceptivo.”, sendo assim, ainda que a BNCC seja um documento base para o planejamento curricular das instituições de ensino, o não “deixar explícito” que o docente possa utilizar em seu plano de aula o desenho nas categorias referentes aos bebês e crianças bem pequenas (de um aos quatro anos de idade) como recurso pedagógico é invalidar o que é proposto nos outros documentos oficiais como o Volume 3 do RCNEI (1998) que ressalta a importância do desenho na primeira infância.

Consequentemente, é notório que, entre os três documentos citados acima, é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil que se destaca quanto às discussões levantadas sobre a importância do Desenho na primeira infância e como esse recurso pedagógico possibilita o acompanhamento sobre o desenvolvimento infantil. Entretanto, por mais que esses três documentos carreguem grande importância e sejam a base para um currículo que englobe uma infância que se aprofunda nas múltiplas linguagens da criança, é a Prática Pedagógica do(a) professor(a) que fará ele ser executado com qualidade.

Referente a isto, CRAIDY e KAERCHER (2012, p. 17) discorrem que “[...] a ideia de sujeito em formação e de como é vivida a experiência da infância podem variar de época para época (são históricas) e as escolhas que fazemos para dirigir este processo, também”. Portanto, é na ação da prática pedagógica que os educadores devem estar atentos a uma educação que visa o cuidar e educar trabalharem em conjunto, visto que

[...] nesta etapa, as crianças tomam contato com o mundo que as cerca, através das experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de

expressão que nele ocorrem. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem que atividades voltadas simultaneamente para *cuidar e educar* estivessem presentes. (CRAIDY e KAERCHER, 2012, p.16)

Por esta razão, é preciso compreender que as orientações didáticas que são fornecidas pelos documentos citados acima servem como auxílio para o(a) professor(a) da Educação Infantil se familiarizar de forma aprofundada com a temática das artes visuais e relacioná-las a sua práxis cotidiana, compreendendo o desenho como uma prática que deve estar atrelada a rotina da criança na qual ela possa encontrar espaço para se expressar. Conforme Guimarães; Nunes e Leite (1999),

[...] a formação do profissional de educação infantil deve contemplar aspectos distintos, que não apenas aqueles de aplicabilidade imediata ao fazer pedagógico ou que digam respeito aos conhecimentos eminentemente científicos, no sentido dos elementos curriculares objetivos, que obedecem ao desenvolvimento da razão – na maior parte das vezes desconectada da emoção, do corpo, da criação. A formação deve erigir-se banhada na cultura, contemplando experiências com artes plásticas, música, teatro, fotografia, cinema, museus, literatura, dança, dentre tantas outras. (GUIMARÃES; NUNES; LEITE, 1999, p. 170)

Nesse sentido, a citação anterior enfatiza que a aquisição de conhecimentos teóricos por parte do profissional da Educação Infantil será insuficiente caso não estejam relacionados a uma formação que busca promover a sensibilização. O que me remete a fala de DIAS (1999, p. 176) ao apontar que “contribuir para a formação da sensibilidade dos educadores é reconciliá-los com a própria expressão, resgatar-lhes a palavra, o gesto, o traço, as ideias, a autoria.”.

4. UTILIZAÇÃO DE DESENHOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS PROFESSORAS COLABORADORAS

O ato de desenhar faz parte da infância e esta ação representa uma expressão natural que está intrinsicamente relacionada à capacidade criativa de todo indivíduo, a qual exige cultivo e exploração. Durante o período da primeira infância é importante que a escola seja um ambiente que entenda as múltiplas linguagens que a criança utiliza para se expressar e demonstrar as diferentes maneiras que enxerga o mundo à sua volta. Nesse sentido, o (a) professor (a) tem papel importante, pois, é ele (a) que acompanhará de perto o desenvolvimento da criança nos aspectos motores, cognitivos, sociais e emocionais.

No que diz respeito a isto, Dias (1999) ressalta que

É preciso garantir na escola, especialmente na educação infantil, a possibilidade de ampliação e enriquecimento das múltiplas linguagens e não a substituição por outra, ou mesmo a domesticação delas pela escrita, tão preponderante em nossa sociedade e para muitos de seus representantes mais próximos da escola, os pais. Assim como propusemos aos educadores o cultivo do olhar sensível, é preciso que essa mesma proposta se estenda às crianças. (DIAS, 1999, p. 190).

Sendo assim, procurei apreender o olhar e a prática das professoras colaboradoras do estudo em relação a utilização do desenho nas turmas da Educação Infantil. Dessa forma, apresentarei os dados que foram produzidos a partir da análise das respostas ao questionário respondido pelas professoras que fizeram parte da pesquisa. Logo, os resultados obtidos terão uma contribuição significativa para os estudos e pesquisas relacionadas ao uso do desenho na Educação Infantil.

4.1 Análise das respostas do questionário

A primeira pergunta do questionário procurava saber se no trabalho desenvolvido com as crianças da Educação Infantil as professoras costumavam utilizar o desenho, logo, todas as colaboradoras responderam que sim e justificaram com as seguintes respostas:

Sim, sempre! Mostramos o desenho à criança e ela realiza sua imaginação para desenvolver o desenho. (Excerto da resposta da P1, 2023)

Sim, depois de toda atividade oferecida, experimentamos através de brincadeiras e com o registro do desenho, pois ao desenhar a criança imagina, se encanta e cria suas histórias, além de desenvolver a coordenação motora fina. (Excerto da resposta da P2, 2023)

Sempre. Acredito que o desenho é a forma da criança se expressar e registrar conhecimento sempre em forma livre e espontânea. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Sim. Pois acredito que este tipo de atividade ajude a criança a desenvolver lateralidade, imaginação, criatividade, noção de espaço entre outros. (Excerto da resposta da P4, 2023)

A partir dessas respostas, é possível notar que as professoras colaboradoras utilizam o desenho em suas rotinas de trabalho com as crianças e compreendem a importância de tal atividade para o desenvolvimento infantil. Assim como afirma Sans (2014, p.24-25), “o desenhar, para a criança, é tão natural como qualquer outra atividade. O que importa para ela é o momento da ação. Assim como brinca, associa, simboliza, ela desenha de forma espontânea.”. Entretanto, a P1 aponta em sua resposta que ela mostra um desenho à criança para que então, ela possa realizar outro desenho. Não é exposto pela professora colaboradora se esta ação se relaciona à situação de cópia, contudo, esta resposta me fez refletir quanto ao “nível” de liberdade de criação concedido às crianças para que elas possam expressar-se livremente em suas produções.

A segunda pergunta buscava saber se as professoras estimulavam as crianças a produzirem desenhos livres, desvinculados de alguma temática específica dos seus planos de aula. Em todas as respostas obtidas, as colaboradoras confirmaram esta prática e apresentaram justificativas semelhantes, conforme evidenciado a seguir:

Sim, utilizamos atividade de desenho livre para que cada criança expresse o desejo do seu desenho com dedicação com seu jeitinho. (Excerto da resposta da P1, 2023)

Sim, é sempre importante ter o momento do desenho livre, onde a criança estimula sua imaginação contribuindo para seu desenvolvimento. (Excerto da resposta da P2, 2023)

Sim. É através dali que visualizamos traços, formas, desenhos, suas cores e seus conhecimentos. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Sim. Eu acredito que o desenho livre estimula a imaginação, criatividade e coordenação motora. (Excerto da resposta da P4, 2023)

Dessa forma, assim como as quatro professoras afirmam a importância do desenho livre, Passarinha (2012, p. 16) ressalta que “o desenho livre dá liberdade à criança de exteriorizar o que vai no seu interior, sem que sejam impostas regras, temas e limites. A criança pode dar uso à sua imaginação e transmitir o que sabe, o que pensa, o que a aflige, ou simplesmente, o que a faz desenhar.”.

Na terceira pergunta, as professoras foram convocadas a responder qual concepção possuíam em relação à prática do desenho durante a primeira infância. As respostas das professoras apresentavam uma perspectiva comum, ressaltando o desenho como uma estratégia que a criança utiliza para expressar e comunicar a sua leitura de mundo, da mesma forma que aprimora o desenvolvimento da sua criatividade. No entanto, entre todas estas respostas, a P2 se destacou ao escrever que:

O desenho é fonte importante no desenvolvimento pedagógico da criança, é parte fundamental na estimulação da imaginação, oralidade e coordenação motora. (Excerto da resposta da P2, 2023)

E assim como a P2, é essencial que todo (a) professor (a) de Educação Infantil tenha compreensão do desenho na primeira infância. O desenhar nesta fase vai muito além de um hábito, pois auxilia também no desenvolvimento da sensibilidade da criança, como enfatiza Dias (1999, p. 176) ao afirmar que “contribuir para a formação da sensibilidade das crianças significa incentivar e criar oportunidades para que elas se expressem, ampliem e enriqueçam suas experiências, aumentando suas possibilidades de interlocução e o entendimento da realidade que as cerca.”.

A questão número quatro do questionário buscava saber das professoras, em que momento da rotina elas consideravam importante a utilização do desenho. Todas as professoras colaboradoras afirmaram que utilizavam o desenho na sala sempre que necessário ou a todo momento que ele fosse contribuir também na produção de outra atividade.

Na verdade em todos os momentos, é importante as crianças desenharem porque nos desenhos elas sempre demonstram seus sentimentos nos desenhos. O desenho é uma ferramenta lúdica para que as crianças usem sua imaginação. (Excerto da resposta da P1, 2023)

Sempre que necessário, é importante oferecer outras atividades que contribuam também para o desenvolvimento pedagógico e cognitivo. (Excerto da resposta da P2, 2023)

A utilização do desenho se faz necessária em todo momento, para registros em sala para construção de laços e também na utilização da sua identidade. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Em especial em momentos após uma contação de história onde a criança poderá representar esta contação através do desenho. Assim representar seus sentimentos. (Excerto da resposta da P4, 2023)

Na pergunta número cinco, foi questionado as professoras se as crianças que elas acompanham gostam de desenhar. A P1 e a P2 responderam que sim, no entanto, foi possível notar que na fala da P1 a mesma utilizou do termo “Ferramenta” ao discorrer acerca do

desenho como um recurso lúdico. Vale ressaltar que a palavra ferramenta ainda remonta uma perspectiva de concepções tecnicistas quanto a utilização da Arte no processo de ensino e aprendizagem. Quanto a P3, esta não respondeu se as crianças da sua turma gostavam de desenhar, no entanto respondeu que utilizava o desenho para os momentos de desenvolvimento da coordenação motora e concentração.

A minha turma tem uma questão com a concentração, então utilizo o desenho em vários momentos, até para desenvolver coordenação e concentração. (Excerto da resposta da P3, 2023).

Já a P4 afirmou que algumas crianças gostavam sim de desenhar, mas outras ainda necessitavam ser bastante estimuladas. Esta fala me fez lembrar o que Guimarães; Nunes e Leite (1999) ressaltam sobre a não exploração do desenho nesta fase e faz um questionamento ao leitor:

Por que a maioria dos adultos que não se embrenhou profissionalmente na vida artística quase não desenha ou diz que não gosta de desenhar? O processo é o mesmo que se dá com a leitura e a escrita. Paramos de produzir, pois recebemos, ainda crianças, que nossas produções não agradavam, não correspondiam às expectativas de nossa professora ou de nossos pais; não eram similares ao padrão. O “não gostar” ou “não saber”, muitas vezes, são construções sociais. (GUIMARÃES; NUNES; LEITE, 1999, p. 172)

A sexta pergunta questionava as professoras se eram elas quem pediam para que as crianças fizessem desenhos ou se esse pedido geralmente vinha dos meninos e meninas. De um modo geral, as respostas apontaram que tanto as crianças pediam para desenhar, quanto as professoras sugeriam que elas desenhassem.

Normalmente em alguns momentos as crianças pedem, mas na maioria das vezes eu que apresento. (Excerto da resposta da P1, 2023)

Em momentos que estão folheando livros pedem giz de cera para desenhar. Mas na maioria, a professora. (Excerto da resposta da P2, 2023)

A maioria das vezes o pedido vem de mim ou da auxiliar, eles gostam, mas se dispersam com frequência. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Às vezes tal atividade parte da professora com objetivos, a serem observados, outras a própria criança pede para desenhar. (Excerto da P4, 2023)

No que diz respeito à questão de número sete, seu propósito consistia em perguntar as professoras colaboradoras quais materiais elas costumavam disponibilizar para as crianças durante o seu processo de desenho. As respostas que obtive traziam os mesmos materiais como giz de cera, canetinhas, lápis de cor e tinta guache (exceto a P2, que não relatou se faz uso de tinta) e, dentre todas as respostas, a P3 e P4 ressaltaram que a escolha da utilização de

diferentes materiais para a realização de desenhos acontece de acordo com a proposta das atividades.

Lápis de cera, Hidrocor, Tinta guache, Giz branco, Pincel, Carvão e utilizamos vários materiais recicláveis. (Excerto da resposta da P1, 2023)

Giz de cera, folha de ofício e canetinhas coloridas. (Excerto da resposta da P2, 2023)

Disponibilizo em vários momentos lápis de cera, mas gosto de proporcionar momentos com tintas, experiências com anilina, diversos materiais, pintura em papel, material reciclável, tecido, depende muito da proposta. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Normalmente papel ofício ou sulfite tamanho A3 ou A4 depende do objetivo. Cartolina, papel jornal, canetinhas, giz de cera, lápis de cor, lápis grafite, tinta guache. (Excerto da resposta da P4, 2023)

Vale ressaltar que os materiais desempenham um papel de suma relevância no processo de criação de desenhos, contribuindo significativamente para o aprimoramento e a exploração da criatividade, conforme afirma SCHWALL (2019):

Os educadores têm a capacidade de dar aos alunos a liberdade para trabalhar com materiais de forma a promover a construção de pensamento gerador ou de processos autênticos de produção de sentido. Podem-se estruturar contextos para aprender com materiais, para que os alunos sejam incentivados a ir além do comum e desenvolver um sentido de sua própria expressividade. (SCHWALL, 2019, p. 63)

Quanto a questão oito, a mesma buscava saber se, nos momentos em que as professoras solicitavam que as crianças fizessem um desenho, se elas as acompanhavam ou se costumavam realizar outras atividades enquanto as crianças estavam concentradas em suas produções. Esta pergunta é de extrema importância, pois, a partir das respostas que as professoras escrevessem, elas iriam ilustrar a rotina de cada uma com sua turma.

Sempre acompanho porque preciso fazer algumas observações, principalmente na questão motora da criança e sempre orientando que devemos utilizar algumas formas geométricas para realizar o desenho. (Excerto da resposta da P1, 2023)

Sempre acompanhando e perguntando o que estão desenhando. (Excerto da resposta da P2, 2023)

Existem dois momentos, quando a atividade é livre ou quando é uma atividade orientada. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Se for em uma atividade diagnóstica, eu acompanho uma a uma para perceber se os objetivos inseridos na atividade estão sendo alcançados. (Excerto da resposta da P4, 2023)

Podemos perceber que cada uma das falas acima traz consigo especificidades da rotina de cada professora, como no caso da P1, que mencionou o acompanhamento frequentemente devido ao fato da mesma está trabalhando com uma turma composta por crianças que estão no Grupo 2, e possuem de dois a três anos de idade. Já a P2 respondeu que também está sempre acompanhando e questionando as crianças sobre o que estão desenhando, o que é ótimo, pois possibilita a professora interagir e socializar com suas crianças acerca de suas produções. No entanto, as professoras P3 e P4 informaram que acompanham os desenhos quando estão fazendo uma atividade orientada ou uma atividade diagnóstica.

A alternativa de número nove do questionário é uma complementação da resposta a questão oito, na qual foi perguntado qual a postura das professoras durante a produção dos desenhos das crianças, caso elas participassem desse momento de produção, de que forma elas se comportavam, se as observavam, se as questionavam sobre o que estavam produzindo ou se utilizavam desse momento como uma oportunidade para escutá-las.

Sim, no momento da roda sempre conversamos com as crianças sobre os registros que vamos realizar com elas. Sempre mostramos a imagem para as crianças e deixamos elas dizerem o que estão vendo na imagem, e trocamos ideias. (Excerto da resposta da P1, 2023)

Sim. Geralmente nas produções, as crianças realizam do jeito delas, auxílio quando solicitam. (Excerto da resposta da P2, 2023)

No momento da roda é explicada a proposta e diante disso, a mesma é orientada. Depois deixo as crianças livres. Claro que faço uma dinâmica para orientá-las, mas a ideia é deixar soltar a criatividade. Costumo falar a elas que elas são as artistas das suas obras. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Observo e utilizo os momentos para escutá-las e auxiliá-las quando for preciso. (Excerto da resposta da P4, 2023)

É possível observar que cada uma das professoras afirmou a sua participação nos momentos de produção de desenhos das crianças. Contudo, a P3 ressaltou a existência de ocasiões em que ela acreditava necessário conceder a criança espaço para a sua liberdade criativa, sem a sua intervenção.

A décima e última pergunta do questionário visava indagar as professoras colaboradoras o que acontecia com os desenhos produzidos pelas crianças após a sua finalização, se eles eram expostos, recolhidos e guardados ou se as crianças os levavam para suas casas. Em relação a esta questão, as respostas fornecidas pelas professoras foram as seguintes:

As atividades que são realizadas com as crianças sempre são expostas no mural da escola e sempre fazemos a socialização das culturas na escola com todos os desenhos e atividades. No final do semestre organizamos uma pasta de artes e as crianças levam para casa, para seus familiares prestigiarem. (Excerto da resposta da P1, 2023)

São expostas nos murais da sala, em seguida colocados em pastas e entregue a criança ao final do semestre. (Excerto da resposta da P2, 2023)

Na maioria das vezes, os desenhos são expostos em feiras ou em socialização de projetos. (Excerto da resposta da P3, 2023)

Primeiro são expostos em murais externos. Depois em sala de aula, onde também são expostas as atividades. Por fim arrumados em pastas ou portfólios e enviados para casa. (Excerto da resposta da P4, 2023)

Ficou evidente que todas as professoras colaboradoras adotam a prática de expor os desenhos das crianças primeiro na escola, para que, no fim do semestre, eles sejam entregues para as famílias. Esta exposição é de grande valor para a criança, pois é uma maneira dela entender quão importante são as suas produções, que carregam tanto significado quanto qualquer outra obra artística que esteja sendo trabalhada na sala de aula. Com relação a isto, Dias (1999) afirma que,

Permitir que as crianças, após a realização do desenho, possam comentá-lo, descrever suas características, suas intenções além de perceber detalhes, assim como são capazes de percebê-los em outras situações: o traço de cada um, a preferência pela utilização de determinadas cores, a temática desenvolvida, a ocupação do espaço da folha; conhecer a produção do outro que alimenta o acervo de imagem de todo o grupo.

O contato com a produção de outras crianças pode abrir espaço para o contato com obras de arte produzidas por diferentes autores [...]. (DIAS, 1999, p. 193-194).

4.2 O que mostraram as observações

O período em que estive em campo no Centro de Educação Infantil (C.E.I.) foi marcado por observações diretas, que de acordo com Barbosa (1999), é uma técnica de coleta de dados que depende diretamente das habilidades do pesquisador para recolher informações e julgar estas informações de maneira imparcial, não deixando suas crenças e expectativas interferirem no seu campo de pesquisa, além de registrar com fidelidade tudo que foi observado para garantir a objetividade e credibilidade dos resultados obtidos.

Durante o período em que estive no Centro de Educação Infantil, todas as observações foram realizadas no turno vespertino das 13:00 às 16:30, quatro das salas em que estive presente três foram selecionadas por mim, seguindo um critério de escolha pessoal em razão da liberdade que a coordenadora me possibilitou, exceto no primeiro dia de observação, na qual foi a coordenadora geral que definiu a sala em que eu ficaria. Outra questão importante a

ser apontada aqui é que, em cada dia que estive presente neste C.E.I., optei por adentrar e observar uma turma diferente.

Dessa forma, como destaquei anteriormente, em meu primeiro dia de observação a coordenadora pediu para que eu ficasse observando a turma do G3 (que é a turma da Professora P2), pois, segundo ela, esta turma havia trabalhado com desenho no turno da manhã, esta observação ocorreu no dia 14 de abril de 2023, uma sexta-feira. Logo, ao entrar na sala de aula, a primeira coisa que fiz foi me apresentar à professora Regente e suas duas auxiliares, explicar a elas a razão da minha observação e quais seriam suas finalidades, e por mais que eu não quisesse atrapalhar a rotina daquela turma, eu entendia que minha presença naquele espaço causaria total estranheza tanto para a professora quanto para as crianças, então busquei me inserir em seu planejamento interagindo com as atividades que estavam sendo produzidas.

Quando entrei na sala, as crianças do G3 estavam em roda realizando uma atividade que trabalhava a letra J e a motricidade, na qual as crianças tinham que colar papéis coloridos e picotados traçando a letra J e depois circular as diversas letras J que estavam ao redor. Esta atividade fazia parte de uma aula que foi feita no turno da manhã e que se tratava da história de um Jacaré na lagoa que a professora havia contado para elas. Eu perguntei a professora se ela precisava de alguma ajuda, e ela concordou pedindo para eu interagir com as crianças que estavam tendo dificuldades nesta atividade, e assim fiz.

Este momento durou até às 15:30. Às 16 horas as crianças se preparavam para o banho pedagógico e o lanche que depois era fornecido pelo C.E.I., neste período conversei um pouco com a professora acerca das produções dos desenhos que foram feitos no turno da manhã, questionando a ela como foi esse processo. A professora foi muito atenciosa e me explicou que o desenho fazia parte de todos os seus planejamentos de aula, pois o ato de desenhar era uma possibilidade da criança mostrar a ela o que havia compreendido em relação o que havia sido feito em sala.

Ela me informou que no turno da manhã, após realizarem a contação de história sobre o Jacaré na lagoa e colocar uma canção desta mesma temática para as crianças, ela pediu para que cada criança desenhasse um jacaré na lagoa e até me mostrou essas produções. Perguntei a ela como funcionava o processo de criação das crianças nesse momento, e ela me informou que tentava ao máximo não intervir em suas produções, mas sempre as questionavam sobre o

que estavam desenhando. Esta última fala vai de total acordo com o que ela, a P2, respondeu no questionário. Dei continuidade a observação e às 16:30 me despedi da turma que já estava se aprontando para ir para casa. Nesse mesmo dia, a coordenadora me informou que o Centro de Educação Infantil iria entrar na semana do projeto pedagógico acerca dos povos indígenas, e pediu para eu retornar as observações novamente na segunda-feira dia 24 de abril de 2023.

Ao retornar na segunda-feira, 24/04/2023, a coordenadora perguntou em que sala gostaria de observar naquele dia e eu decidi ficar na turma do G2, que é a sala da Professora P1. Quando a coordenadora me levou a esta sala, a professora ainda não estava lá. As crianças estavam levantando do cochilo e haviam duas auxiliares na sala, me apresentei a elas e a professora, assim que ela entrou na sala, então falei sobre minha pesquisa, quais eram os objetivos da observação e entreguei a ela o questionário. Em seguida, a P1 me convidou para fazer parte da atividade que aconteceria na rodinha e pediu para que eu me apresentasse para as crianças, e assim fiz.

A atividade a ser trabalhada na rodinha naquele dia era a canção “Lavadeira”, na qual a professora entregou para cada criança, e para mim, um pedaço de pano, e explicou para as crianças na rodinha que essa canção contava a história de uma lavadeira que estava lavando roupas no riacho. Ao começar a música, a professora pediu para que as crianças fizessem alguns movimentos que se referiam à letra da música, como esfregar, enxaguar, torcer, entre outras. Após participar da rodinha, a professora colocou alguns brinquedos para as crianças socializarem uma com as outras e conversou comigo sobre a rotina do turno integral do G2, que é uma turma que necessita mais do aprimoramento da coordenação motora e do trabalho com a imaginação, então as aulas eram sempre voltadas para o brincar, a contação de história e também para a produção de desenhos.

Diante desta conversa, eu questioneei a professora se ela utilizava o desenho em seu planejamento de aula, e ela respondendo que o desenho faz parte de sua rotina e me mostrou algumas das produções das crianças. Informou-me que no Projeto sobre os Povos Indígenas as crianças fizeram desenhos utilizando argila molhada em cima da cartolina e instruiu as crianças a desenharem nela, utilizando a ponta de um pincel, me explicando que as produções sempre são pensadas para trabalhar tanto a criatividade quanto a motricidade das crianças.

Após esta conversa, interagi com as crianças e quando estava no horário do banho delas, ajudei a professora e as auxiliares, pois, ao contrário das crianças do G3 que tomam um

banho pedagógico em um banheiro que fica em outro espaço, as crianças do G2 por serem menores e precisarem de ajuda para esse momento, utilizavam um banheiro que fica dentro da sala. Ao terminarem o banho as crianças lancharam antes de ir embora, então às 16:30 me despedi delas para retornar na quarta-feira dia 26/04/2023, pois no dia 25/04/2023 haveria dedetização na instituição.

Dessa forma, retornei novamente na quarta-feira, 26 de abril de 2023, e neste dia decidi acompanhar o G4, que é regido pela Professora P3. Então, assim como nas observações anteriores, a primeira coisa que fiz ao ser levada na sala pela coordenadora foi me apresentar à Professora regente, as crianças e sua auxiliar. Neste primeiro momento, assim como nas outras salas que entrei para observar, falei sobre minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso e quais são as finalidades das observações. Assim que dei essas informações a professora me falou que em seu planejamento estava programado para trabalhar naquele dia a produção do desenho da bandeira da Itália, pois o novo projeto a ser trabalhado no C.E.I. eram países europeus.

Ao observar a aula, percebi que o seu primeiro momento foi de retomada acerca da temática trabalhada no turno da manhã sobre o país europeu que a professora estava trabalhando com a turma e então ela questionou se as crianças estavam lembradas que país era esse, e todas responderam em conjunto “Itália”. Depois a professora fez uma segunda pergunta as crianças, “qual a cor da bandeira da Itália?”, e todas responderam “verde, branca e vermelha”; assim, ela entregou, juntamente com a auxiliar, uma folha de papel A4 para cada criança e em cada uma das mesas colocou um pote com vários lápis, canetas hidrográficas e giz de cera juntos para dar início ao segundo momento da aula. Ao observar esse momento, notei que a professora não interferiu em nenhum momento nas produções das crianças, ao contrário, as estimulavam a continuarem e elogiava cada uma que finalizava seu desenho da bandeira italiana, as suas ações aqui condiziam com o que ela respondeu no questionário.

O terceiro momento da aula foi reservado para que as crianças escrevessem o nome “Itália” na folha em que fizeram o desenho da bandeira, a professora indagava as crianças com que letra começava a palavra Itália e fazia o som de “I” para ajudar as crianças, então elas foram respondendo e soletrando juntamente com a professora. Quando todas haviam terminado de escrever o nome do país, a professora pediu para que as crianças entregassem o desenho para que ela distribuísse outra atividade utilizando letras móveis para que elas formassem o próprio nome. Enquanto a auxiliar ajudava as crianças, notei que a professora já

havia começado a responder o questionário, então não quis a interromper neste momento. No instante que deu 16:30, me despedi de todos e agradei por terem me recebido.

Sendo assim, retornei ao C.E.I. na quinta-feira, 27/04/2023, para realizar minha última observação na instituição na turma do G5, referente a professora P4. Ao chegar na sala do G5 me apresentei a turma e a professora, expliquei a ela sobre a observação e a entreguei o questionário para ela responder com calma assim que pudesse. No entanto, a professora me informou que naquele dia o planejamento da instituição estava voltado para os aniversariantes do mês, então ela e as crianças estavam aguardando a programação que aconteceria no pátio do Centro de Educação Infantil. Enquanto a programação ainda não estava pronta, a professora liberou as crianças para brincarem com alguns brinquedos que haviam na sala, no entanto algumas crianças escolheram fazer algumas atividades livres com revistas infantis da TVE (Televisão Pública do Estado da Bahia) que ficam disponíveis na sala.

Quando deu o horário de todas as turmas irem para o pátio do C.E.I., a P4 levou seus alunos para o espaço e todos se sentaram juntos, aguardando a programação que as auxiliares de classe haviam preparado. Este foi um momento de muita diversão e alegria, todas as crianças brincaram juntas e festejaram a vida de todos que estavam comemorando aniversário naquele mês, foi muito legal ver a união toda equipe escolar ali presente. Ao finalizarem as brincadeiras todos bateram parabéns e cada turma voltou para suas salas para receber suas fatias de bolo. Como já estava dando o meu horário de saída, 16:30, me despedi de toda equipe escolar e agradei por terem me acolhido naquele espaço. Apenas retornei novamente no dia 03 de Maio de 2023 para buscar os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e os questionários respondidos.

Diante das questões colocadas acima, posso afirmar que meu período de observação neste Centro de Educação Infantil foi de extrema importância para aprofundar este Trabalho de Conclusão de Curso, pois, por mais que o questionário seja um instrumento de coleta de dados que fornece o olhar de cada professora em relação às perguntas realizadas, estes momentos de observação em campo me possibilitaram relacionar as suas respostas com cada rotina que vivenciei dentro daquele ambiente. Portanto, as observações foram cruciais para a construção das discussões que fiz ao longo deste trabalho, pois a partir delas pude ver um pouco como o desenho é trabalho na prática pedagógica destas professoras e na rotina de uma turma de Educação Infantil.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com base nos propósitos iniciais que foram delineados no escopo desta pesquisa, pode-se afirmar que os objetivos deste estudo foram alcançados de maneira satisfatória. Nesse sentido, esta pesquisa proporcionou um entendimento no que diz respeito às concepções que as professoras colaboradoras possuem quanto à utilização do desenho como um recurso pedagógico, levando em consideração o que foi identificado durante o período das observações e a análise das respostas do questionário.

Dessa forma, a produção deste trabalho de conclusão de curso possibilitou ampliar meus horizontes quanto ao ato de desenhar que ainda hoje, é considerado para muitas pessoas, unicamente como um passatempo para a criança, embora esta percepção não seja inteiramente equivocada. No entanto, o presente estudo evidenciou que a ação de desenhar durante a primeira infância pode oferecer possibilidades e benefícios que vão além desta concepção, é a maneira que a criança encontra para manifestar uma das suas múltiplas linguagens, a linguagem não verbal, que mostra também sua forma de representar o mundo que vivencia.

Sendo assim, é fundamental que o (a) professor (a) de Educação Infantil entenda a importância que o desenho tem e reconheça que há diferentes abordagens para incorporá-lo a sua prática pedagógica, valorizando assim a subjetividade da criança, compreendendo que cada traço feito representa uma etapa do desenvolvimento infantil que deve ser respeitada. Logo, a primeira infância precisa ser um momento de abraçar a criança como um todo, especialmente as suas produções, evitando que ela cresça reclusa por conta de julgamentos negativos a respeito de seus desenhos. Como professores (as) da Educação Infantil, é imprescindível que eliminemos do nosso vocabulário qualquer discurso que venha desvalorizar as produções artísticas das crianças, simplesmente porque não correspondem às idealizações que nós, adultos, almejamos para elas.

Além disso, é necessário reconsiderar a necessidade de elaborar cláusulas em mais documentos educacionais acerca da exploração do uso do desenho nos anos iniciais. Pois, embora o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) exista, é importante ressaltar que se trata de um documento referencial, não uma diretriz curricular ou uma base curricular que prescreve a inclusão obrigatória dos diferentes modos do uso do desenho na sala de aula. Fora que, além de documentos e bases legais, é de suma importância que os (as) professores (as) que estão atuando, ou seja, em sala de aula da Educação Infantil,

possa ter acesso a programas de formação continuada para aprimorarem seus conhecimentos e aperfeiçoarem suas práticas pedagógicas.

Portanto, diante das conclusões deste trabalho e das reflexões quanto ao sentido do desenho na prática pedagógica da Educação infantil, é pertinente pensar sobre a desvalorização e o não reconhecimento da área de Artes na Educação Básica brasileira, que influencia diretamente na maneira como esse campo do conhecimento também se apresenta no contexto da Educação Infantil. Logo, trata-se de uma situação que envolve questões muito mais complexas do que as que foram levantadas neste trabalho, mas que são essenciais para o uso do desenho como uma estratégia pedagógica que pode ser utilizada na prática dos (as) professores (as), no sentido de compreender o processo de desenvolvimento das crianças através do desenho.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Eduardo Fernandes. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisa**. Minas Gerais, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?**. Artmed Editora, 2012.
- CROTTI, Evi; MAGNI, Alberto. **Garatujas, rabiscos e desenhos: a linguagem secreta das crianças**. Rio de Janeiro, editora Isis, 2011.
- DIAS, Karina Sperle. **Formação estética: em busca do olhar sensível**. In: KRAMER, Sonia; et al. *Infância e educação infantil*. Papyrus Editora, 2ª ed., Campinas, SP. 1999.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.
- FRIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles. **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Penso Editora, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas, 4ª ed.; São Paulo, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas, 6ª ed; São Paulo, 2008.
- GUIMARÃES, Daniela; NUNES, Maria Fernanda Rezende; LEITE, Maria Isabel. **História, cultura e expressão: fundamentos na formação do professor**. In: KRAMER, Sonia; et al. *Infância e educação infantil*. Papyrus Editora, 2ª ed., Campinas, SP. 1999.
- KRAMER, Sonia; et al. **Infância e educação infantil**. Papyrus Editora, 2ª ed., Campinas, SP. 1999.
- KATZ, Lilian. **O que podemos aprender com Reggio Emilia?**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: A Engenharia Da Produção Acadêmica** . Editora Saraiva, 2ª ed. São Paulo. 2008.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Editora Mestre Jou, 1977.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária L.T.D.A. São Paulo, 1986.

MALAGUZZI, Loris. **História, ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

NUNES, Ginete C.; NASCIMENTO, Maria Cristina D.; LUZ, Maria Aparecida C.A. **Pesquisa Científica: conceitos básicos**. Id on Line Revista de Psicologia, Fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 144-151. ISSN 1981-1179.

PASSARINHA, Joana Margarida Hilário. **O desenho como suporte de aprendizagem no contexto de jardim de infância**. 2012.

SANS, Paulo Cheida. **Pedagogia do desenho infantil**. Editora Alínea. Campinas, 2014.

SCHWALL, Charles. **A gramática dos materiais**. In: GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles. *O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia*. Penso Editora, 2019.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo. Editora Expressão Popular. 2018.

ANEXO 2



Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Educação – Campus I
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Aluna: Laura Soares Macedo dos Santos

Caro (a) professor (a).

Estou realizando uma pesquisa acerca da utilização do desenho na rotina da na Educação Infantil e gostaria que você respondesse algumas questões. Esta pesquisa tem como finalidade coletar dados que serão utilizados em uma Monografia, Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia, dessa forma, gostaria de contar com sua participação respondendo as questões abaixo. Ressalto aqui que as informações obtidas por meio deste questionário serão confidenciais e que o sigilo sobre sua participação será assegurada de forma a não possibilitar sua identificação na produção da Monografia.

Desde já agradeço a sua colaboração.

Laura Soares Macedo dos Santos.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____

Formação: _____

Tempo de serviço: _____

Tempo de atuação em classe de Educação Infantil: _____

Assinale a faixa etária em que se encontra:

Entre 20 e 25 anos ()

Entre 25 e 30 anos ()

Entre 30 e 35 anos ()

Entre 35 e 40 anos ()

Entre 40 e 45 anos ()

Acima de 45 anos ()

QUESTIONÁRIO

1. No trabalho desenvolvido com as crianças da Educação Infantil você costuma utilizar o desenho? Justifique a sua resposta:

2. Você estimula as crianças a produzirem desenhos livres? Justifique sua resposta:

3. Qual a sua concepção em relação à prática do desenho na primeira infância?

4. A partir de sua experiência na Educação Infantil você considera importante a utilização do desenho em quais momentos?

5. As crianças que você acompanha em sala de aula gostam de desenhar?

6. Normalmente é você quem pede para que as crianças façam desenhos ou esse pedido geralmente vem delas?

7. Quando as crianças estão desenhando quais materiais você costuma disponibilizar para elas?

8. Nos momentos em que solicita que as crianças façam um desenho, você acompanha ou costuma realizar outras atividades enquanto elas desenhavam?

9. Caso participe do momento de produção, de que maneira participa? Você as observa? Questiona a elas sobre o que estão produzindo? Utiliza esse momento como uma oportunidade para escutá-las?

10. O que acontece depois com os desenhos que foram realizados? Eles são expostos? São recolhidos e guardados? As crianças os levam para casa?
